

# COMPADRIO E CASAMENTO: REDES DE ALIANÇA E PODER: O CASO DE CAETANO JOSÉ DE ALMEIDA

Maria Elisa Ribeiro Delfim(Bolsista de Iniciação Científica)

Ivan de Andrade Vellasco(Orientador, DECIS,UFSJ)

## Introdução

Este trabalho objetiva apresentar os resultados de um ano da pesquisa de iniciação científica ligada ao projeto “*Clientelismo e Estado no oitocentos: uma investigação sobre as redes clientelistas e sua atuação no espaço público*”, coordenado pelo Prof. Ivan Vellasco.

A pesquisa tem como foco realizar um estudo de caso na região de São João Del Rei com a intenção de analisar a construção das relações locais de poder na primeira metade do século XIX. Através da análise das redes de relações de um membro da elite local, que se destacou pela posição social, econômica e política, podemos observar as redes de influência e interesses que se formam nestas esferas. A pesquisa torna-se importante para analisar até que ponto as relações sociais e políticas durante o período imperial do Brasil foram movidas por redes clientelares, baseadas nas relações de parentesco e alianças.

A leitura de textos contidos na bibliografia consultada me possibilitou um conhecimento sobre o tema do clientelismo na historiografia e no pensamento social brasileiro. A pesquisa em bancos de dados e fontes primárias, tais como registros de batismos, inventários, testamentos, casamentos, listas nominativas, atas da Câmara de São João Del Rei, bem como a utilização de instrumentos de pesquisa como as Efemérides de São João Del Rei e Mineira<sup>1</sup>, tem me possibilitado reconstituir as redes de sociabilidade e investigar a dinâmica das alianças e a construção das redes sociais na região.

## Clientelismo: uma revisão bibliográfica

O presente trabalho se fundamenta em estudos sobre redes clientelares e sua atuação no espaço público, sendo o termo clientelismo utilizado para definir redes de aliança que se formam no período estudado.

Antônio Manuel Hespanha e Ângela Barreto Xavier, analisando o fenômeno das redes clientelares em Portugal, acreditam que o “sistema de Dom contra Dom”, uma prática existente durante o período do Antigo Regime que regia a distribuição e trocas de bens, cargos e benefícios, produzia e sustentava a existência das redes clientelares.

Segundo os autores no “sistema de Dom contra Dom”, o dom era algo destituído de interesses materiais; na sua lógica o valor econômico da troca não era o seu móvel, quando alguém recebia algum benefício sabia que teria que retribuir, independente do valor material.

---

<sup>1</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del-Rei*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1982 e VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides mineiras (1664-1897)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

O possível desequilíbrio das trocas de benefícios se sustenta por “laços afetivos”, uma “amizade” baseada na reciprocidade da troca, tanto pelo lado do benfeitor como do credor, o que confirma que as relações não se reduzem unicamente a jogos de interesse, nem eram baseadas apenas nos laços afetivos. Como afirma Hespanha, são

*“Relações que obedeciam a uma lógica clientelar, como a obrigatoriedade de conceder mercês aos ‘mais amigos’, eram situações sociais quotidianas e corporizavam a natureza mesma das estruturas sociais, sendo, portanto, vistas como a ‘norma.’”<sup>2</sup>*

Norbert Elias em seu livro “*A Sociedade de Corte*”<sup>3</sup>, também trabalha com o tema das relações pessoais, mais especificamente o modo de convívio entre os homens que sustentam o sistema de interdependência que regeu o Antigo Regime; exemplificado por ele na sociedade de corte francesa à época de Luís XIV.

O sistema de interdependência estudado por Elias pode ser relacionado com o fenômeno das “redes clientelares”. Ambos os autores convergem, portanto, na análise da sociedade do Antigo Regime como alicerçada num sistema de trocas baseado nos “laços afetivos” através dos quais se expressava o jogo de interesses entre as partes envolvidas, e que produzia um “sistema de interdependência”, na denominação de Elias - “redes clientelares” na denominação de Hespanha e Xavier - que não se limitava à corte e a ambientes políticos, mas vinculava todas as relações sociais.

A conceituação de redes clientelares trabalhada por Xavier e Hespanha, torna-se necessária para compreensão das interpretações sobre a formação do clientelismo no Brasil relacionada à vertente proposta por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

No projeto que norteia essa pesquisa, Ivan Vellasco apresenta duas vertentes para a explicação do clientelismo no Brasil, dessa forma enquadra tais autores na segunda vertente, que vê na formação social brasileira uma herança ibérica, tendo como característica central a cultura patriarcal, baseada em relações pessoais, vínculos familiares e afetivos<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> HESPANHA, Antônio Manoel & Xavier, Ângela Barreto. “As redes clientelares”, in MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal*. Lisboa. Editora Estampa 1998. p. 339

<sup>3</sup> ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

<sup>4</sup> O texto “*Clientelismo, ordem privada e Estado no Brasil Oitocentista: a trajetória sinuosa de um debate*” trata-se de uma versão reelaborada do projeto que norteia essa pesquisa, nele Ivan Vellasco apresenta três vertentes para a explicação do clientelismo no Brasil, dessa forma enquadra tais autores na terceira vertente, que acredita num país marcado por uma cultura patriarcal, baseada em relações pessoais.

*“A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida política, as relações entre governantes e governados, entre monarcas e súditos”.<sup>5</sup>*

Sérgio Buarque de Holanda em *“Raízes do Brasil”*, atribui ao português algumas características absorvidas pelos brasileiros, como é o caso da *“plasticidade social”<sup>6</sup>*.

Tal característica dará ao brasileiro a capacidade de se relacionar com raças diferentes, o que aproxima o patriarca de seus súditos, numa relação familiar e *“cordial”<sup>7</sup>*, segundo o autor.

Identificando na Literatura, características da vida real, a *“cordialidade”* neste sentido pode ser observada em *“Memórias Póstumas de Brás Cubas”* de Machado de Assis, obra que se passa na primeira metade do século XIX. Logo no primeiro capítulo, quando o protagonista conta sobre seu enterro e quem está presente, relata um grupo pequeno de onze, chamados por ele de amigos; após um discurso belíssimo de um desses amigos ele afirma: *“Bom e fiel amigo. Não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei”<sup>8</sup>*. No decorrer do livro nos deparamos com um personagem irônico e podemos observar que neste trecho tal característica está presente em sua fala; O *“amigo”* que em seu enterro proclamou um belo discurso obteve antes apólices deixadas pelo defunto Brás Cubas, o que demonstra uma relação de *“amizade”* que não se restringe à *“afetividade”*.

Caio Prado Jr. corrobora a visão de Gilberto Freyre no tocante a nossa herança patriarcal, no entanto, enxerga a aristocratização dos proprietários rurais como mérito de uma classe privilegiada, não apenas no que diz respeito à tradição do sangue que corre nas veias, mas conseqüência do acúmulo de riqueza e poder na formação do *“clã patriarcal”*. O chefe familiar adquire o poder sobre toda a estrutura clânica, incluindo a família, escravos, agregados e aliados através dos apadrinhamentos e casamentos. No caso dos homens livres que se tornam agregados pode-se entender como relações de interesse definidas entre indivíduos de condições sociais diferentes, sendo as alianças com outros *“aristocratas”* garantidas através de casamentos arranjados pelo patriarca:

*“Colocado assim no centro da vida social da colônia, o grande proprietário se aristocratiza. Reúne para isto os elementos que constituem a base e origem*

---

<sup>5</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Livraria, 1956.p. 53.

<sup>6</sup> Sérgio Buarque coloca como plasticidade social a capacidade do português de se misturar com as diferentes raças e a ausência *“praticamente completa de orgulho de raça”*; esse seria um dos fatores que contribuíram para a miscigenação no Brasil.

<sup>7</sup> No capítulo V do livro *“Raízes do Brasil”*, Sérgio Buarque fala sobre o *“homem cordial”*, aquele que faz de suas relações pessoais algo familiar.

<sup>8</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2001.p.10.

*de todas as aristocracias: riquezas, poder, autoridade. A que se unirá a tradição, que a família patriarcal, com a autoridade absoluta do chefe, dirigindo e escolhendo os casamentos, assegura. Esta aristocratização não é apenas de nome, fruto da vaidade e presunção dos intitulados. Constitui um fato real e efetivo; os grandes proprietários rurais formarão uma classe à parte e privilegiada.”*<sup>9</sup>

Com a leitura do livro “*Clientelismo e política no Brasil do século XIX*”, de Richard Graham<sup>10</sup> obtém-se a idéia de que qualquer relação existente no Brasil entre cidadãos menos abastados e as classes superiores e até mesmo as relações no interior da “boa sociedade”<sup>11</sup> - ou seja, as “alianças para cima” ou as “alianças para o lado”<sup>12</sup>, todas essas relações, enfim, seriam governadas pelo clientelismo, como prática existente desde o período colonial. Portanto, do ponto de vista de Graham o Estado no período imperial brasileiro seria um sistema dominado por uma elite que se reproduzia nas relações clientelistas, o que torna suas análises limitadas, ao creditar todas as relações institucionais à existência de uma única variável, o clientelismo, descartando outros níveis de análise estudados e trabalhados por outros pesquisadores.

José Murilo de Carvalho, discutindo o trabalho de Graham, define seu estudo como reducionista por conceituar qualquer rede de relações existente no período imperial como expressão do clientelismo, utilizando de maneira pouco consistente outros conceitos estudados e muito bem trabalhados por Victor Nunes Leal, como mandonismo e coronelismo.

Segundo Carvalho, o coronelismo estudado por Leal, que ocorre na primeira República, entre 1889 até 1930, trata de um

*“sistema político, uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República envolvendo compromissos recíprocos. E que*

---

<sup>9</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense/Publifolha, 2000. p. 288-289

<sup>10</sup> GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

<sup>11</sup> Segundo Ilmar Rohloff de Mattos “referido aos atributos de liberdade e propriedade, o sentimento aristocrático não só servia para discriminar entre os diversos elementos constitutivos da sociedade imperial; servia, sobretudo para determinar a posição e o papel de cada um deles”, esta era a “boa sociedade” com “capacidades e habilitações” e sempre “brancos”. MATTOS, Ilmar Rohoff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo. Editora Hucited. 2004. Capítulo II. p.115-142.

-2004. p. 130

<sup>12</sup> Sílvia Brügger em sua tese de doutorado se refere à “alianças pra cima”, as relações sociais que pessoas de uma camada inferior tem com alguém de camada superior, neste trabalho, chamo de “alianças para o lado” as relações entre elite, pessoas de mesma camada social. BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal - família e sociedade* (São João Del Rei, séculos XVII e XIX).UFF, Niterói, 2002(tese de doutorado).

*segundo ele, surge na confluência de um fato político com uma conjuntura econômica, a decadência dos fazendeiros*<sup>13</sup>

é, sobretudo, uma troca de vantagens e benefícios entre o poder público e os chefes locais. Portanto, pode-se concluir que, o coronelismo surge num momento em que há um enfraquecimento dos coronéis e a necessidade destes de se atrelar ao Estado para manter sua posição e poder, e deve-se tomar muito cuidado para não confundir seu conceito com o de clientelismo. Mandonismo é uma característica do coronelismo que sempre existiu, e pode estar presente até os dias atuais, em que num determinado local o coronel se aproveita de sua posição e/ou propriedade para dominar o espaço, impedindo qualquer um de ter livre acesso ao mercado e à política.

A conceituação desses termos torna-se extremamente importante no estudo de casos, podendo analisar apenas pelo período se determinada relação pode ser enquadrada como uma forma de clientelismo, mandonismo ou/e coronelismo, de tal forma consiste em reducionismo trabalhar apenas um único conceito para qualquer período histórico.

O texto de José Murilo de Carvalho aponta as diferenças conceituais entre esses termos, freqüentemente utilizados de forma indevida, como equivalentes. Para tanto, apresenta autores que se enquadram na primeira vertente especificada no projeto de Ivan Vellasco, a vertente que acredita ser a tradição de uma estrutura social “feudalizada” a razão da existência do clientelismo no Brasil, da qual fazem parte Oliveira Vianna e Nestor Duarte.

Para Nestor Duarte o potentado tem um poder absoluto e independente do Estado, o que impossibilita o desenvolvimento urbano e favorece a predominância do patriarcalismo, além de possibilitar a formação do clientelismo:

*“Só o laço parental e doméstico definiria e resumia a cooperação econômica e social. A senzala e o escravo ainda são termos da comunhão doméstica. Endogamiza-se quase e só se estende para alargar a cooperação até outra família, pelo laço parental dos casamentos cruzados, na tendência em fundir-se numa só, ainda maior e numerosa, para dar lugar a verdadeira tribo de coesão por parentesco.”*<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> CARVALHO, José Murilo. *Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual*. in Dados, Rio de Janeiro, vol. 40, n.2, 1997. p. 1

<sup>14</sup> DUARTE, Nestor. *A Ordem Privada e A Organização Nacional*. São Paulo. Cia-Editora Nacional. 1966, p68.

Oliveira Vianna, em *“Populações Meridionais do Brasil”*<sup>15</sup> chama o fechamento das “famílias”, das redes de sociabilidade como “clãs”, e enxerga nestas redes também uma das causas pelo atraso do desenvolvimento urbano.

A tese de doutorado de Sílvia Brügger<sup>16</sup>, que também trabalha com a formação de redes de sociabilidades, exemplifica casos específicos de campeões de batismos na região de São João del Rei, além de trazer os motivos e o momento em que ocorrem os apadrinhamentos, tornando-se dessa forma uma fonte não apenas necessária mas fundamental no momento da pesquisa. Ela nos auxilia não apenas no entendimento dos motivos de apadrinhamentos, como também nos apresenta motivos claros para casamentos endogâmicos e exogâmicos. Suas análises endossam as conclusões e resultados ainda parciais obtidos no nosso estudo de caso, que teve como ponto de partida a listagem dos “campeões de batismo” citados pela autora.

A pesquisa torna-se importante por analisar até que ponto as relações sociais e políticas durante o período imperial do Brasil foram movidas por redes clientelares, uma rede de benefícios e proteção muito bem tramadas e observadas através dos batismos e casamentos.

### **Metodologia da pesquisa**

Os métodos utilizados foram pesquisas em fonte primárias e bancos de dados de batismos, inventários, testamentos, casamentos, listas nominativas, atas da Câmara Municipal, somados a instrumentos de pesquisa como as Efemérides de São João Del Rei e Mineiras.

Numa primeira análise buscamos através das bases de batismos encontrar os padrinhos que apresentavam as maiores freqüências de apadrinhamento; nesse processo foi selecionado o caso para estudo: o padrinho Caetano José de Almeida.

O segundo passo foi a pesquisa nas fontes primárias, bancos de dados e fontes secundárias para averiguar sua presença na política, nos círculos sociais e sua inserção na economia local, bem como a construção de sua árvore genealógica e sua rede de parentela. Partindo desse princípio, a inserção de outras figuras ilustres de São João del Rei foi mais um dos passos tomados pela pesquisa, pois com a montagem da árvore genealógica de Caetano José de Almeida, bem como o conhecimento sobre quem eram seus compadres, confirmou-se a presença de sargentos, alferes, comerciantes e homens com títulos de nobreza como pessoas que se relacionavam com Caetano; para finalmente partir para o objetivo central, que se refere à análise das relações sociais entre tais pessoas.

---

<sup>15</sup>VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: historia: organização: psicologia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

<sup>16</sup>BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal - família e sociedade (São João Del Rei, séculos XVII e XIX)*.UFF, Niterói, 2002(tese de doutorado).

Posteriormente através da transcrição de inventários dos pais e sua primeira esposa Antônia Maria Custódia pude confirmar dados como, parentescos de Caetano José de Almeida e verificar sua condição econômica. Cabe um comentário sobre o inventário de sua esposa revogado inúmeras vezes pelos seus filhos, por alegar que seu pai, o inventariante, não estava especificando todos os bens da falecida, sua mulher. Além dos filhos terem feito o pedido de troca do avaliador, pela dúvida de uma avaliação dos bens adequada, já que o avaliador se tratava de um conhecido do inventariante, seu pai, Caetano José de Almeida.

O último passo, trata-se da transcrição das Atas da Câmara Municipal de São João Del Rei, onde foi possível encontrar e posteriormente analisar a presença e atuação de Caetano José de Almeida na política e possíveis redes de sociabilidade, buscando fazer ligações entre familiares, “cumpadres” e aliados políticos.

Concomitante à pesquisa, a leitura de textos referentes ao assunto foi de suma importância para posteriormente fazer uma análise e comparação historiográfica dos dados.

### **Resultados da pesquisa: as redes de aliança e poder de caso de Caetano José de Almeida**

Com os dados da base de batismo organizada por Sílvia Brügger<sup>17</sup>, foi possível encontrar nomes na região de São João del Rei que haviam apadrinhado um número substancial de pessoas, merecendo dessa maneira uma atenção especial. Entre eles figura Caetano José de Almeida, que aparece como padrinho de 40 pessoas entre 1774 até 1825; deve-se tomar como nota que em 1739 aparece um Caetano José Almeida como padrinho, no entanto, dada à discrepância de datas, certamente não se trata do mesmo Caetano José Almeida estudado.

Tomando-se como base para explicação de tantos apadrinhamentos a tese de Sílvia, que vê nos batizados e nos casamentos uma forma de relações pessoais importante para aproximação de famílias ou fechamento das mesmas, procurei fazer uma análise do caso Caetano José Almeida. Para tanto, o primeiro passo foi a construção da árvore genealógica do mesmo, onde poderia visualizar possíveis casamentos endogâmicos ou ainda casamentos exogâmicos com formação de “alianças para cima” ou “alianças para o lado”.

De acordo com a base de batismo Caetano José de Almeida foi batizado em 1750, apadrinhado por Caetano Silva e Joana Francisca Tavares. No inventário de sua mãe Inácia Quitéria de Almeida, casada com Manoel Gomes Villas Boas, feito em 1772 consta a idade de 23 para 24 anos para seu filho, o que confirma sua data de nascimento em 1748.

---

<sup>17</sup> BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal - família e sociedade (São João Del Rei, séculos XVII e XIX)*.UFF, Niterói, 2002(tese de doutorado).

Nos registros de casamento tem-se como dado dois casamentos de Caetano José de Almeida, um em 1774 com Antônia Maria Custódia Dias, filha de Manoel Martins Gomes e Maria Siqueira Paes, e o segundo casamento em 1826 com Ana Francisca Silva Lima.

Caetano José Almeida teve sete irmãos, dentre eles Ana Joaquina de Almeida e Gama( ver Tabela 1), que casou-se com o Alferes Nicolau Antônio Nogueira. Cabe um destaque à família Nogueira, Nicolau Antônio Nogueira era filho do Capitão- Mor Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, fundador de Baependi, esteve presente na política como 1757, e dentre oito filhos está Manoel Jacinto Nogueira da Gama, o Marquês de Baependi( ver Tabela 2). Marquês de Baependi participou da política como senador, obteve postos na Real Academia e participou da preparação da Constituição Política do Império. Mais tarde, teve seu filho casado com a filha do Duque de Caxias. Uma evidência de “aliança para o lado”, numa tentativa de garantir não apenas status social, como garantir um possível espaço na política.<sup>18</sup>

Ainda analisando a árvore genealógica de Caetano é de suma importância destacar a presença de Brás Carneiro Leão, importante comerciante vindo de Portugal em 1748, pai de Francisca Mônica Carneiro da Costa, esposa do Marquês de Baependi (ver Tabela 3). O que só contribui para comprovar como os casamentos também serviam para alianças econômicas; às vezes numa tentativa de ganhar crédito, outras de se manter dívidas entre famílias, sendo possível mais tarde eliminá-las como assunto familiar. Sílvia Brügger tece comentários em sua tese sobre a procura de alianças no século XVIII com portugueses ligados ao setor mercantil:

*“Os casamentos auxiliam na solidariedade considerada uma realidade patriarcal, as dívidas eram compensadas dentro da família, portanto as alianças matrimoniais facilitavam a consolidação de teias que viabilizam projetos políticos e econômicos.”<sup>19</sup>*

No entanto Sílvia Brügger deixa explícito que essa ligação se dá com muito mais evidência no século XVIII do que no XIX.

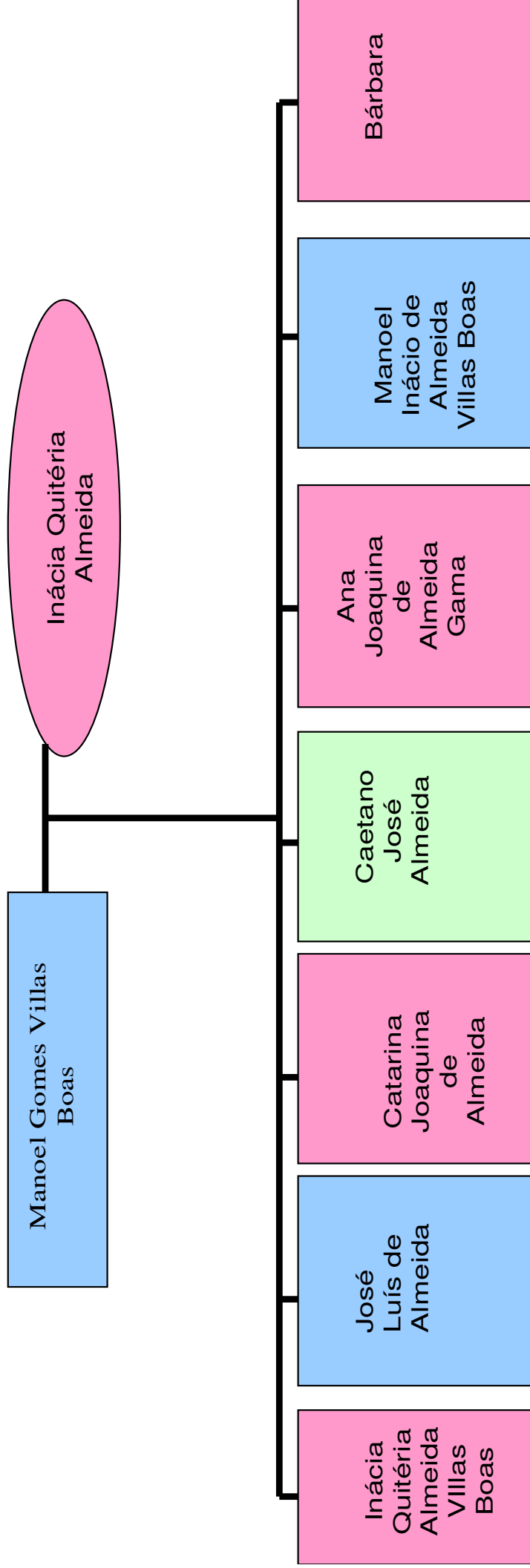
---

<sup>18</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del-Rei*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1982 e VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides mineiras (1664-1897)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

<sup>19</sup> BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal- família e sociedade*(São João Del Rei, séculos XVII e XIX).UFF, Niterói, 2002 (tese de doutorado).p.287

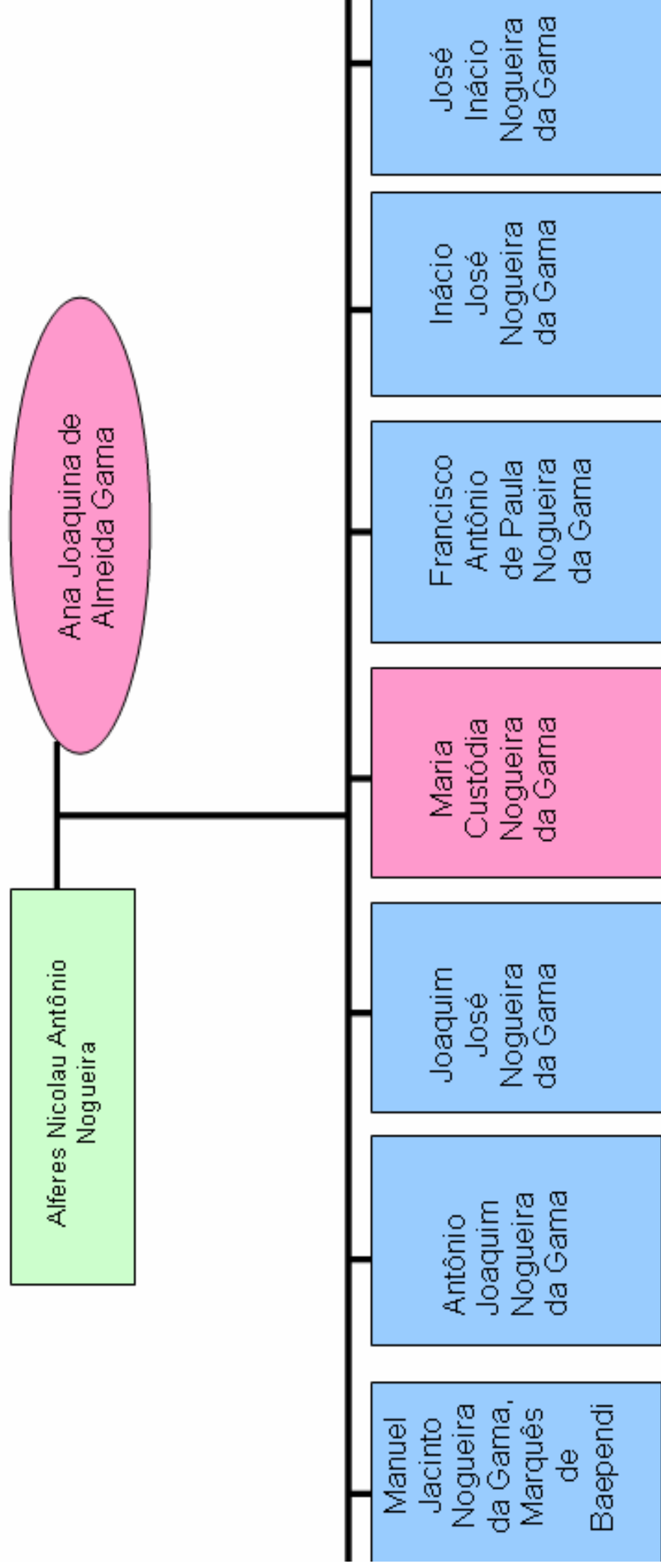


**TABELA 1**



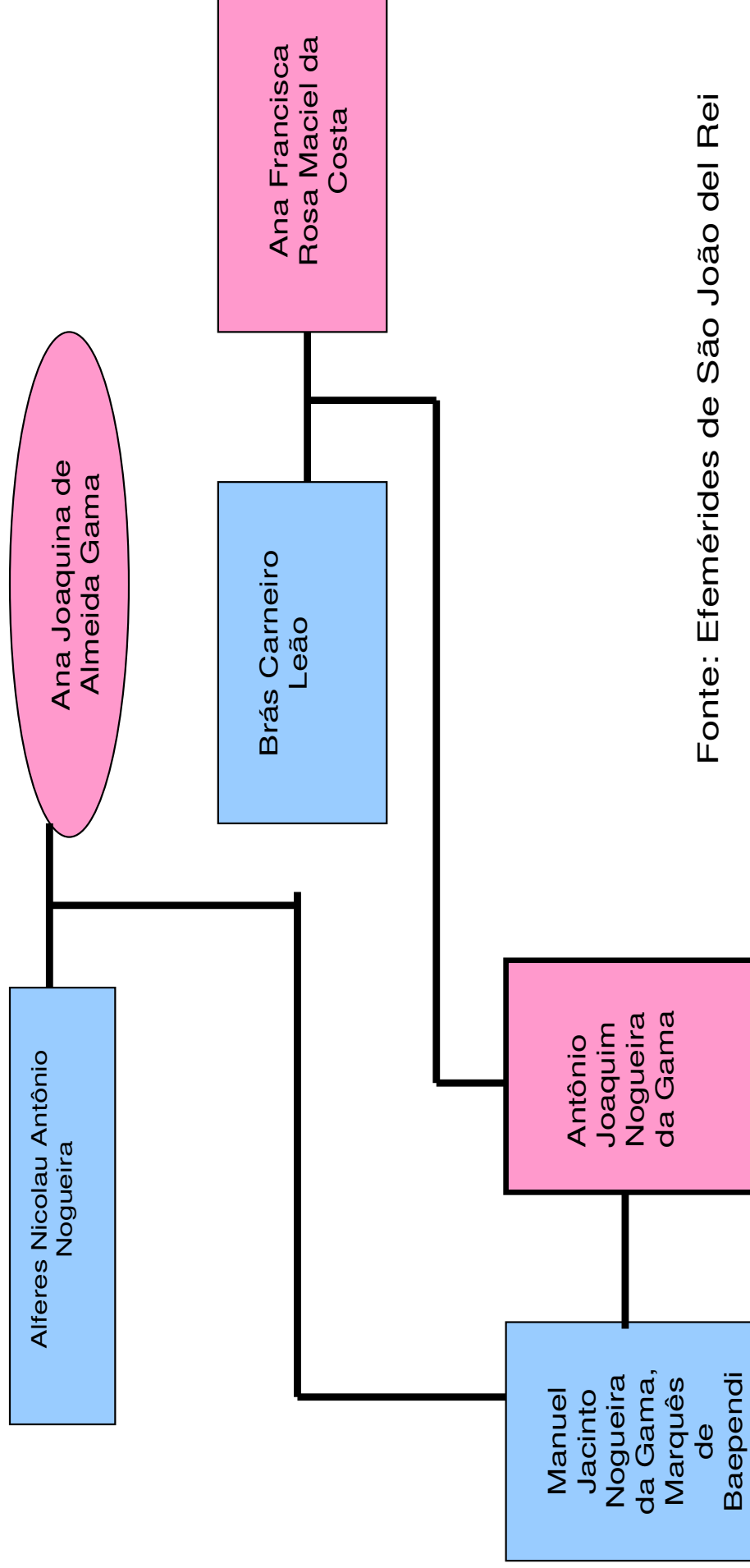
Fonte: Inventário Manoel Gomes Villas Boas. caixa 513

**TABELA 2**



Fonte: Efemérides de São João del Rei

**TABELA 3**



Fonte: Efemérides de São João del Rei

A montagem da árvore genealógica de Caetano José de Almeida foi necessária para a verificação de redes de interesse que se formam nas diversas gerações, demonstradas em casamentos, como os aqui exemplificados.

Dos 40 afilhados de Caetano José Almeida em apenas seis casos encontramos evidências de que os apadrinhados eram filhos de figuras que ocupavam cargos militares, além de sua aparição na política. Aparecem dois alferes, dois capitães e o Sargento-mor Francisco de Paula Almeida Villas Boas Gama que surge duas vezes como “cunpadre”.

O Sargento-mor Francisco Paula Almeida Villas Boas é filho de Manoel Costa Villas Boas Gama, irmão do conhecido poeta José Basílio da Gama, autor do poema “O Uruguai”. Manoel Costa Villas Boas foi vice-presidente da Câmara Municipal de São João del Rei em 1813, por ser o vereador mais velho<sup>20</sup> e Francisco Paula Almeida Villas Boas foi vereador em 1810, quatro anos antes de Caetano José Almeida, ambos podem ter exercido influência sobre seu eleitorado em 1814.

Manoel Costa Villas Boas, embora representado pela madrinha Antônia Maria Custódia Dias (primeira esposa de Caetano), foi padrinho junto com Caetano do filho de José Diocleciano Villas Boas Gama, especificado no inventário de Antônia Maria Custódia Dias como filho de Caetano José Almeida.

Cabe um comentário sobre o batismo no interior da família, como é neste caso e também no apadrinhamento de seu neto, filho de Maria Carlota Gama e Januário Francisco de Jesus Cerqueira. Sheila de Castro Faria diz que quando uma família já é bem abastada e, portanto há uma dificuldade de ascensão, opta-se por apadrinhamentos internos.<sup>21</sup>

Isso também se evidencia na escolha de uma madrinha para batizar um dos filhos de Caetano e Maria Antônia Custódia Dias; em 1784, Maria, possivelmente Maria Carlota da Gama, foi amadrinhada pela irmã de Caetano José Almeida, Bárbara Quitéria Inácia Almeida.

Retornando a Caetano, dentre seis dos compadres especificados para os quais obtive informações, podemos ter a certeza de “alianças para cima”, por parte dos pais dos batizados, pois se tratavam de forros ou pardos casados com forras. O que favoreceria Caetano na certeza de sua posição dentro daquele espaço hierarquizado, como afirma João Fragoso na introdução do livro *“A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado” (1842-1889)*, de Maria Fernanda. Vieira Martins:

---

<sup>20</sup> Lista de cargos referentes à Câmara Municipal de São João del Rei, entre os anos de 1714- 1971.

<sup>21</sup> FARIA, Sheila de Castro. APUD. BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. Minas Patriarcal - família e sociedade (São João Del Rei, séculos XVII e XIX).UFF, Niterói, 2002(tese de doutorado).p..354

*“Nesses momentos, percebe-se a chance das hierarquias sociais locais serem ordenadas por códigos costumeiros, tendo como eixo a linguagem do parentesco e de suas derivações nas relações clientelares. Daí famílias de potentados estabelecerem pactos matrimoniais com seus pares, mas construir também parentescos fictícios com lavradores, forros e escravos. Por meio desses expedientes elas adquiriam a legitimidade de seu governo, o mesmo ocorrendo com as estratificações locais.”<sup>22</sup>*

Cabe um destaque ao fato de alguns pais não serem mencionados, constando o batizando como filho natural; Sílvia Brügger acha *“plausível supor a possibilidade de interferência na escolha de padrinhos, ligados à sua teia social. Assim, parentes e amigos dos pais da criança poderiam apadrinhá-la.”*, podendo ser então, os batizados de Caetano José de Almeida, filhos de pessoas pertencentes à elite, por isso o pedido de apadrinhamento ao tenente coronel. A possibilidade do próprio pai da criança apadrinhar seu filho não é descartada por Sílvia Brügger: *“Outra possibilidade – difícil de ser comprovada – é a de que o próprio pai assumisse o papel de padrinho de seu filho, em notório descumprimento do que determinavam as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.”<sup>23</sup>*

Mesmo não sendo o cerne de discussão de Gilberto Freyre, em *“Sobrados e Mucambos”<sup>24</sup>*, ao destacar a ascensão dos forros e pardos, chamados pelo autor de “mulatos” e bacharéis pode-se fazer uma reflexão que este ganha seu espaço, muitas vezes, com esta ligação com um patrono, que muitas vezes pode ser seu próprio pai, assumindo, através do batismo, uma forma “camuflada” de paternidade e lhe dando possibilidades de estudos até mesmo fora do país. Portanto, como afirma Gilberto Freyre, dessa forma o “mulato” se insere, não apenas culturalmente, mas socialmente na formação do país.

Em cinco casos os afilhados aparecem na condição de escravo, no entanto, em dois casos a proprietária da mãe dos batizados é especificado, trata-se de Ana Fidelis Silveira, filha do capitão Tomas Carlos Souza. Sendo Tomas Carlos, um capitão, portanto uma figura importante neste período, que também aparece na rede de batismo com um número substancial de afilhados, pode-se reconhecer o apadrinhamento de

---

<sup>22</sup>MARTINS, M. F. V. *A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. V. 1. p.19

<sup>23</sup> BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal - família e sociedade (São João Del Rei, séculos XVII e XIX)*. UFF, Niterói, 2002 (tese de doutorado). p.325

<sup>24</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo., Editora Global (24ª edição), 2003. Capítulo I, II e XI.

um escravo pertencente ao seu meio familiar como uma forma de aliança entre as elites.

A presença de Caetano nas Efemérides de São João del Rei, confirma sua relevância social no período: Caetano José de Almeida era capitão e foi promovido em 16 de Abril de 1809 à patente real de tenente coronel do Regimento de Cavalaria de Milícias da Vila de São João del Rei. Em 1º de Abril de 1814 Caetano José de Almeida toma posse na Câmara de São João del Rei como vereador <sup>25</sup>.

Porém, desde 1811 Caetano José de Almeida aparece nas atas da Câmara como indicado pela mesma a almotacé<sup>26</sup> em São João Del Rei, de tal forma evidencia-se sua presença na política antes de ser vereador <sup>27</sup>.

Ainda nas atas, posterior ao ano que Caetano esteve como membro da Câmara, em 1822 este aparece como uma das pessoas que clama pela independência, apoiado também por familiares como seu cunhado e compadre, Januário Francisco de Jesus Siqueira e Sargento-Mor das ordenanças Francisco de Paula Vilas Boas da Gama. Em 1823 tendo o Brasil seu Príncipe Regente na corte, as províncias pedem a divisão dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Novamente dentre os nomes daqueles que apóiam tal decisão constam, Caetano José de Almeida, Gomes da Silva Pereira, vereador junto com Caetano e Procurador da Real Coroa e Fazenda Pública e o Sargento-Mor Francisco de Paula Vilas Boas da Gama. <sup>28</sup>

Como período de maior atuação de Caetano José de Almeida tem-se as duas primeiras décadas do oitocentos, ao entender como um período de transição, na configuração burocrática da Câmara, analiso tal instituição ainda agindo como no período colonial.

João Fragoso em seu texto *“Afogando em Nomes: temas em história econômica.”*, <sup>29</sup> enfoca que para pertencer as Câmaras, há uma necessidade de se pertencer à elite, fazer parte dos “homens bons” daquela localidade. Mesmo sabendo que ele se refere ao período colonial, tal situação se mantém posteriormente. Para Ilmar Rohloff de

---

<sup>25</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del-Rei*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1982 e VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides mineiras (1664-1897)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

<sup>26</sup> No Vocabulário Político de Plácido e Silva o termo almotacé é designado como um funcionário ou autoridade, a que se atribui o dever de fiscalizar a exatidão dos pesos e medidas, a taxação dos pesos estabelecidos e mesmo a distribuição de gêneros expostos ao consumo público. P.137

<sup>27</sup> Atas da câmara Municipal de São João del Rei – ACOR 11

<sup>28</sup> Ministério da Educação e Cultura; Ministério da Justiça. *As Câmaras municipais e a Independência*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.p.323-367

<sup>29</sup> FRAGOSO, João Luiz. *Afogando em nomes: temas e experiências em história econômica*. Rio de Janeiro. 2002.

Mattos<sup>30</sup>, que já trata do Brasil imperial, a esfera política é dominada pela “boa sociedade” da qual fazia parte essa elite, os “homens bons”.

Em 1808 a família real se instala no país, tal fato implica na necessidade de aperfeiçoamento das instituições e aparatos estatais.<sup>31</sup> Entre outros motivos estavam as novas condições que a situação gerou para ampliação do mercado interno. Este tema é trabalhado por Alcir Lenharo em seu livro “*As tropas da moderação (o abastecimento da Corte na formação política do Brasil- 1808-1842)*”<sup>32</sup>, nele o autor retrata uma economia ganhando cada vez mais espaço devido ao abastecimento da Corte no Rio de Janeiro. Concomitante a este fato, as funções políticas, principalmente aquelas ligadas diretamente ao mercado, que tinham como função a taxaço sobre os produtos, tornou-se mais intensa. Por tais motivos as informações sobre a atuação na política de Caetano José de Almeida são de suma importância.

José Murilo de Carvalho em seu livro “*A construção da ordem*”<sup>33</sup> relata a existência de uma elite política representante de uma elite social, não se tratando necessariamente da elite econômica, confirmando que não há sempre uma confluência entre os prestígios social, econômico e político. No caso de Caetano José de Almeida e aqueles que fizeram parte da Câmara durante seu mandato, observa-se uma outra situação. José Murilo de Carvalho em seu livro “*A construção da ordem*”<sup>34</sup> relata a existência de uma elite política representante de uma elite social, não se tratando necessariamente da elite econômica, confirmando que não há sempre uma confluência entre os prestígios social, econômico e político. No caso de Caetano José de Almeida e aqueles que fizeram parte da Câmara durante seu mandato, observa-se uma outra situação.

Um aspecto importante a ser mencionado está relacionado ao fato de que a participação na política pode acarretar um destaque em outras esferas, como a social. Cláudia Resende Silva<sup>35</sup>, em sua dissertação de mestrado fala sobre o fato dos componentes da Câmara sempre terem um destaque social, como no caso de um dos

---

<sup>30</sup> MATTOS, Ilmar Rohoff de. O Tempo Saquarema. São Paulo. Editora Hucited. 2004. Capítulo II. p.115-142.

<sup>31</sup> Ivan Vellasco na introdução seu livro “*Seduções da Ordem - Violência, criminalidade e administração da justiça Minas Gerais, século 19*” tece comentários sobre a construção de uma máquina burocrática mais consistente.

<sup>32</sup> LENHARO, Alcir. As Tropas da Moderação ( o abastecimento da Corte na formação política do Brasil-1808-1842). São Paulo: Edições Símbolo, 1979. Introdução p.23-39, Capítulo I p.41-55, Capítulo IV p.89-106, Capítulo V p.107-132.

<sup>33</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - a elite política imperial. Rio de Janeiro, Campus, 1980.*

<sup>34</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - a elite política imperial. Rio de Janeiro, Campus, 1980.*

<sup>35</sup> SILVA, Claudia Resende. Senado da Câmara da Vila de São João del Rei: da administração colonial à pesquisa histórica. Tese de Mestrado. Belo Horizonte, 200

membros irem à missa: “Quando os oficiais da câmara saíam pelas ruas em correição ou compareciam a missas, ladainhas e outras ocasiões, iam em” corpo de câmara”, ou seja, todos formalmente reunido.”.

Tal fato pode ser confirmado neste estudo. Observa-se a grande participação de representantes políticos, como o caso de Dr. Gomes da Silva Pereira, vereador no ano de 1814 com Caetano José Almeida, em cerimônias religiosas no importante ato de segurar a vara do pálio durante a procissão, que cabe nos dias atuais ao governador de Minas Gerais na realização de cerimônia em São João Del Rei. Segundo consta nas Efemérides, o Dr. Gomes da Silva Pereira, “durante muitos anos mereceu a alta distinção de pegar uma das varas do pálio na soleníssima Procissão de Corpus Christi<sup>36</sup>”.

De tal forma se confirma a participação das elites em todas as esferas da sociedade, pelo menos no caso de Caetano José Almeida, o que se aproxima da perspectiva de Ilmar Rohloff de Mattos<sup>37</sup>, que destaca uma junção entre as elites política, social e econômica, considerando-as como a “boa sociedade”.

## **Conclusão**

O século XIX constitui um período importante para construção e consolidação do estado brasileiro, pois trata-se do período de instalação da família real e a conseqüente estruturação dos aparatos estatais, entre eles as Câmaras Municipais, importante objeto neste trabalho.

Através dos dados obtidos podemos firmar uma produtiva discussão sobre a construção das alianças sociais intra-elites no período estudado.

O compadrio entre as elites são joanenses foi confirmado no caso específico de Caetano José Almeida, bem como casamentos entre elites foram confirmados através da montagem de sua árvore genealógica.

No entanto, afirmar que todas essas relações pessoais encontradas durante a pesquisa definiriam redes clientelares seria reducionismo, por isso a necessidade de uma análise pormenorizada de cada “aliança” constatada.

Com a pesquisa também pudemos observar as formas pelas quais se interpenetram as esferas econômicas, políticas e sociais na configuração das alianças no interior dessas elites, que alguns autores vêem como esferas separadas estruturalmente.

---

<sup>36</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del Rei. Volume II. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1982. p.355-357

<sup>37</sup> MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema. São Paulo. Editora Hucited. 2004. Capítulo II. p.115-142.



Portanto, todos os aspectos estudados são importantes para o entendimento da formação das redes de sociabilidade.

### **Fontes manuscritas**

#### **1. Arquivo do IPHAN, escritório técnico 2, São João del Rei. 13ª SR**

- Inventário Antônia Maria Custódia Dias: caixa 301
- Inventário Manoel Costa Villas Boas: caixa 612
- Inventário Manoel Gomes Villas Boas: caixa 513
- Inventário Inácia Quitéria de Almeida: caixa 417

#### **2. Fontes**

- Registros de batismo e casamentos, Matriz Nossa Senhora do Pilar de São João del Rei.
- Listas nominativas de São João del Rei.
- Efemérides Luís Alvarenga.
- Atas da Câmara Municipal de São João Del Rei.

#### **3. Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2001.

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal- família e sociedade(São João Del Rei, séculos XVII e XIX)*.UFF, Niterói, 2002 (tese de doutorado).

CARVALHO, José Murilo. *Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual*. in *Dados*, Rio de Janeiro, vol. 40, n.2, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem - a elite política imperial*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del Rei*. Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1982

DUARTE, Nestor. *A Ordem Privada e A Organização Nacional*. São Paulo. Cla-Editora Nacional. 1966. Capítulo II. pp.18-35, IV. p.64-89. V. p.90-112

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo., Editora Global(24ª edição), 2003. Capítulo I. p.3-39. II. p.30-58. XI. p.573-625.

HESPANHA, Antônio Manoel & Xavier, Ângela Barreto. “As redes clientelares”, in MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal*. Lisboa. Editora Estampa 1998, p.339-349

FRAGOSO, João Luiz. *Afogando em nomes: temas e experiências em história econômica*. Rio de Janeiro. 2002.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e Política no Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olimpio Livraria, 1956.

LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação ( o abastecimento da Corte na formação política do Brasil- 1808-1842)*. São Paulo: Edições Símbolo, 1979. Introdução p.23-39, Capítulo I p.41-55, Capítulo IV p.89-106, Capítulo V p.107-132.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar. *Revisitando a Província: Comarcas, termos, distritos e população de Minas Gerais em 1833-35*. 5º Seminário sobre economia mineira. Diamantina. CEDEPLAR. 1990.

MARTINS, M. F. V. *A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. V. 1.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. São Paulo. Editora Hucited. 2004. Capítulo II. p.115-142.

Ministério da Educação e Cultura; Ministério da Justiça. *As Câmaras municipais e a Independência*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.p.323-367.

PAIVA, Clotilde A. & ARNAUT, Luiz D. H.. *Fontes Para o Estudo de Minas Oitocentista: Listas Nominativas*. 5º Seminário sobre economia mineira. Diamantina. CEDEPLAR. 1990.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense/Publifolha, 2000. Capítulo: Sentido da colonização. P.19-32. Raças. p.85-115. Organização social. p. 269-297. Vida social e política. p.341-377.

SILVA, Claudia Resende. *Senado da Câmara da Vila de São João del Rei: da administração colonial à pesquisa histórica*. Tese de Mestrado. Belo Horizonte, 2000

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *Efemérides mineiras (1664-1897)*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: história: organização: psicologia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. Introdução. Pp. 889-914. Capítulo VII. p. 1015-1049. Capítulo IX. p. 1050-1059.

VELLASCO, Ivan de Andrade. "*Clientelismo, ordem privada e Estado no Brasil Oitocentista: a trajetória sinuosa de um debate*". Seminário Internacional do CEO/Pronex *Nação e Cidadania no Oitocentos*. 2007.

VELLASCO, Ivan de Andrade. *Seduções da Ordem. : violência, criminalidade e administração da justiça: Minas Gerais- século 19*. São Paulo: EDUSP. 2004. p.15-90..

#### **4. Bibliografia consultada**

ARRUDA, Fabiana de. *Relações de compadrio e redes sociais na primeira metade do século XIX*. Relatório final de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG. São João del Rei. 2007.

BASILE, Marcelo Otávio N. de C. *Consolidação e crise do império*. In: LINHARES, Maria Yeda(coord.). *História Geral*. Rio de Janeiro, Campus, 2000. 9ª ed., p.247-301

BASILE, Marcelo Otávio. *Luzes a quem está nas trevas: a linguagem político radical nos primórdios do Império*. In: Topoi: Revista de História. Rio de Janeiro. UFRJ/ Letras, 2001, v.3, p.91-130

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília. Editora Univ. Brasília. 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 10 ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1961.

GRAÇA Filho, Afonso de Alencastro & LIBBY, Douglas Cole. *A economia do Império Brasileiro*. São Paulo: Atual, 2004.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Liberalismo Moderado: postulados ideológicos e práticas políticas no período regencial (1831-1837)*. In: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal & PRADO, Maria Emília. *O Liberalismo no Brasil Imperial: conceitos, origens e prática*, p103-126.

JANCSÒ, István & PIMENTA, João Paulo Garrido. *Peças de um Mosaico( ou apontamento para o estudo de emergência da identidade nacional brasileira)*” In MOTA, Carlos Guilherme (Org). *Viagem incompleta 1500-2000. A experiência brasileira. Formação: histórias*. São Paulo: Hucitec, Ed.Senac; 2000.

KUZNESOF, Elizabeth Anne. “*A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo 1700-1980)*”, in *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 9, nº 17, fevereiro de 1989.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. *O Império em construção: Primeiro Reinado e Regências*. São Paulo: Atual, 2000.

NEVES, L.M.B.P. das. *Liberalismo Político no Brasil: idéias, representações e práticas*. In: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal & PRADO, Maria Emília. *O Liberalismo no Brasil Imperial: conceitos, origens e prática*. Rio de Janeiro, REVAN: UERJ, 2001, p. 73-101.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. *Imbricações entre política e interesses econômicos – a complexa definição dos fundamentos da monarquia no Brasil da década de 1820*. São Paulo. Museu Paulista da Usp/Programa de Pós-graduação em História Social da USP. 2003.

\_\_\_\_\_. *Temas políticas, redes de negócios*. São Paulo. Museu Paulista da Usp/Programa de Pós-graduação em História Social da USP. 2003.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins. *Famílias Proprietárias e Estratégias de Poder Local no Século Passado*. Revista Brasileira de História, 9(17), set.1988/fev.1989, pp. 65-85.

Revista do Arquivo Público Mineiro- Câmara de São João Del Rei

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem a província de Goiás*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

\_\_\_\_\_. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1974.

SCHULTZ, Kirsten. *A era das revoluções e a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1790-1821)*. In: MALERBA, Jurandir (org.). *Independência brasileira: novas dimensões*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.125-151.

SOUZA, Jessé. *A Sociologia Dual de Roberto Da Matta: Descobrimos nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2001. pp.47-67.

SOUZA, Iara Lis Carvalho, *As várias representações do Brasil: a opção por D.Pedro (Parte 3) & Imperador-Contrato (Parte 4)*. In: *Pátria Coroada - o Brasil como corpo político autônomo- 1780-1831*. São Paulo, UNESP, 1999, p 91-205.

